



Catalão (GO)

Integrantes da comissão, um mês após deixar o Rio de Janeiro, a caminho do que seria Brasília



Mestre D'Armas

Sobre lombo de burro, pesquisadores posam em frente à casa de fazenda onde hoje é Planaltina (DF)



Cachoeira do Abade

Queda d'água em Pirenópolis (GO); abundância e qualidade são destaque no relatório final.



Golás Velho

Rua de pedras e conjunto arquitetônico da Cidade de Goiás, a primeira capital goiana



Parque Nacional

Acampamento de parte da expedição, montado perto de onde hoje estão as piscinas da Água Mineral

Fotos: Henrique Charles Morize/Arquivo

Missão Cruls

Tesouros são resgatados após 120 anos

Após um ano e meio de pesquisas, historiadores do Arquivo Público do DF localizaram 48 fotografias e seis documentos nunca publicados da expedição que desbravou o Planalto Central em 1892. Grupo demarcou e registrou tudo o que havia no quadrilátero para onde seria transferida a capital

» RENATO ALVES

Responsável por explorar o Planalto Central em 1892, a Missão Cruls foi a primeira expedição científica brasileira documentada com fotos. Até hoje, só haviam sido publicados 26 desses retratos. Eles integram o relatório final da comissão encarregada de mapear tudo o que havia no quadrilátero para onde, já no fim do século 19, existia um plano de mudar a capital do país. Hoje, o Correio Braziliense revela outras 48 imagens dessa saga. Como as demais, são de autoria de Henrique Charles Morize. O trabalho do astrônomo francês ajudou a descrever a região pouco conhecida pelo resto do Brasil.

Historiadores do Arquivo Púlico do Distrito Federal encontraram os originais das até então inéditas fotografias na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, e na Biblioteca do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro. O resgate teve início na capital paulista, há um ano. Lá estavam 19 imagens em papel amarelado pelo tempo, mas intactas, guardadas em um álbum feito por Morize. Em março último, os pesquisadores descobriram as outras 29 fotos, no Rio. Estas nem sequer haviam sido copiadas. Continuavam em lâminas de vidro, o negativo da época em que foram feitas. Os profissionais da instituição candanga agora tentam publicá-las em um livro, com tudo o que se sabe e tem arquivado sobre a Missão Cruls.

Formada por 22 homens, entre especialistas e registrado em fotos por Henrique Morize, de uma forma inimaginável no universo digital. Para fotografar a região, ele precisou de paciência e muito conhecimento de química. Além da grande e arcaica máquina, o francês levava um laboratório completo de revelação e cópia de fotos, por onde ia. Em nenhuma das cidades visitadas havia tais equipamentos. As imagens eram registradas em lâminas de vidro, carregadas em caixas de madeira. A lente era uma só. Para fazer um registro, Morize montava a câmera num tripé e passava sais de prata no vidro, dentro de uma caixa escura. Misturados, os químicos absorviam a imagem e proporcionavam a foto. Por serem de baixa sensibilidade, os sais de prata nas lâminas de vidro requeriam muito tempo de

exposição à luz. Nessas condições, todos os retratos tinham que ser posados. Ninguém podia se mexer para a imagem não ficar tremida. Mesmo assim, Morize conseguiu fotos de alta qualidade, além de extrema importância histórica. Ele dominava a técnica e captava detalhes que nenhum relato manuscrito descreveria. Deixou de herança as primeiras fotos de cenários hoje conhecidos em todo o Brasil e o mundo, como o casario colonial de Pirenópolis e Goiás Velho.

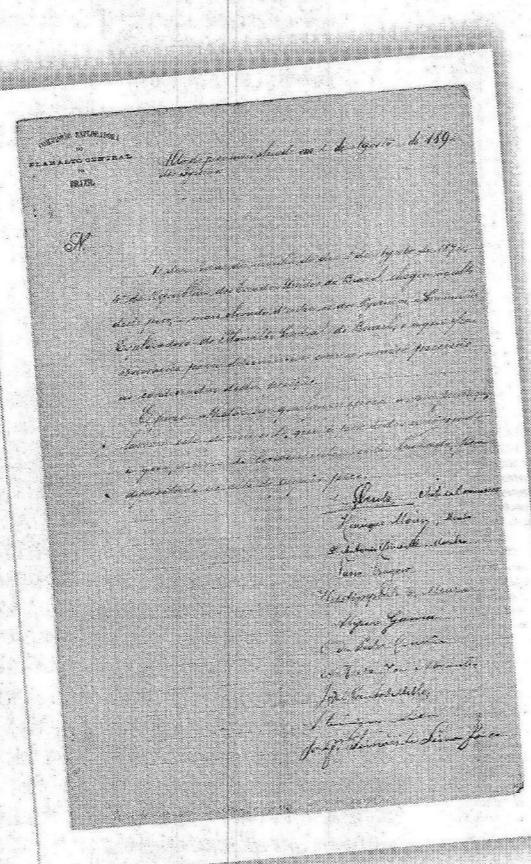
Mistério a desvendar

Cruls voltou à região em 1894, com o intuito de estudar a topografia, a meteorologia, a qualidade e a quantidade das águas. No relatório desta segunda expedição, no entanto, não há fotografias, apesar de Henrique Morize também ter feito parte dela. Este é um dos mistérios que os estudiosos do Arquivo Púlico tentam desvendar. Pesquisadores acreditam que parte das 48 fotografias inéditas seja da segunda missão.

O Luiz Cruls teve que fazer um relatório mais rápido, por isso não deve ter anexado as fotos. Outra parte delas certamente foi deixada de lado em uma edição do Morize para o relatório da primeira missão, pois há retratos de ângulos bem parecidos", observa o historiador Wilson Vieira Júnior, coordenador de Arquivo Histórico do Arquivo Púlico do DF. Ele liderou a busca e desdeckou o material esquecido nas bibliotecas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Tudo anotado em cadernetas pelos especialistas e registrado em fotos por Henrique Morize, de uma forma inimaginável no universo digital. Para fotografar a região, ele precisou de paciência e muito conhecimento de química. Além da grande e arcaica máquina, o francês levava um laboratório completo de revelação e cópia de fotos, por onde ia. Em nenhuma das cidades visitadas havia tais equipamentos. As imagens eram registradas em lâminas de vidro, carregadas em caixas de madeira. A lente era uma só. Para fazer um registro, Morize montava a câmera num tripé e passava sais de prata no vidro, dentro de uma caixa escura. Misturados, os químicos absorviam a imagem e proporcionavam a foto.

Por serem de baixa sensibilidade, os sais de prata nas lâminas de vidro requeriam muito tempo de



Documento raro
Primeira das duas páginas assinadas por 10 integrantes da expedição: relíquia estava em apartamento

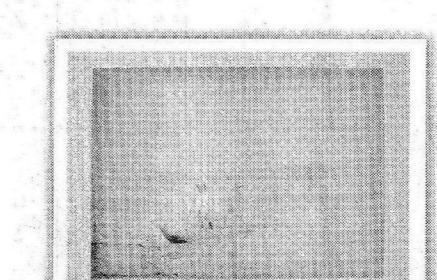
Ata também é localizada

Além das fotos de Henrique Morize, historiadores do Arquivo Púlico do Distrito Federal resgataram seis documentos originais, também nunca publicados, da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. O mais precioso é uma ata da passagem da expedição pelo Pico dos Pireneus.

Ela estava esquecida e empoeirada, mas muito bem conservada, no Rio de Janeiro, no case de descendentes de Hastimphilo de Moura, engenheiro militar da Missão Cruls.

A ata foi assinada por 10 integrantes da comissão, após posarem para uma foto histórica, na manhã de 8 de agosto de 1892. Eles colocaram o documento em um vaso, lacrado em uma lata para ser enterrado sob pedra que hoje sustenta uma pequena capela. Os pesquisadores deixaram claro a intenção de que, em algum tempo, alguém encontrasse aquele pequeno tesouro. Prova disso é o relato deixado por Hastimphilo em uma de suas cadernetas (veja ao lado), seu diário de viagem.

Com a ajuda de dois colegas do Arquivo Púlico do DF, Elias Manoel e Jader Oliveira Vieira Júnior identificou e digitalizou os documentos da Missão Cruls encontrados de um ano para cá. O trio sonha ver tudo publicado em livro, com as demais imagens da expedição e textos curtos explicando sua importância. A ideia é imprimir 4 mil exemplares e distribuir gratuitamente nas bibliotecas e escolas públicas do DF e do Rio. O projeto custa cerca de R\$ 50 mil. Falta o dinheiro.



Amarela pelo tempo
Uma das fotos que estavam em álbum mostra a Lagoa Feia, em Formosa (GO)



Economia centenária
Antigo engenho de cana-de-açúcar em 1884. Seu trabalho no país não se resume ao registro da Missão Cruls. Por problemas de saúde, Morize só completou o curso de Engenharia Industrial em 1890. Um ano depois, tornou-se astrônomo do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro. Em 1908, assumiu a direção do órgão, sucedendo o amigo belga Luiz Cruls, líder da expedição no Planalto Central.

No alto lavrou-se uma acta, q por todos nós foi assignada, encerrada r'um vidro lacrado, depois r'uma lata tambem lacrada e metido num ninho de agua (gavilão da montanha) q ali vimos. Quando no alto chegamos, vários foguetes fizemos subir (sic).

Hastimphilo de Moura, engenheiro da Missão Cruls

Personagem da notícia

Sucessor de Luiz Cruls

O astrônomo e fotógrafo Henrique Morize nasceu em 31 de dezembro de 1860, em Beaufort, na França, e se mudou para o Rio de Janeiro aos 5 anos. Naturalizou-se brasileiro em 1884. Seu trabalho no país não se resume ao registro da Missão Cruls. Por problemas de saúde, Morize só completou o curso de Engenharia Industrial em 1890. Um ano depois, tornou-se astrônomo do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro. Em 1908, assumiu a direção do órgão, sucedendo o amigo belga Luiz Cruls, líder da expedição no Planalto Central. Morize ainda participou, em 1916, da fundação da Sociedade Brasileira de Ciências (mais tarde, Academia Brasileira de Ciências), que presidiu até 1926. O franco-brasileiro também foi catedrático de física experimental na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, de 1898 a 1925. Organizou e chefiou a missão brasileira que observou o eclipse de 1919 em Sobral (CE). Morreu em 19 de março de 1930, no Brasil.



O Rio das Almas e, ao fundo, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, o mais antigo templo católico do Centro-Oeste

Brasil-Bolívia
Em 1901, Cruls foi designado para chefiar a Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, encarregada de explorar as nascentes do Rio Javari, fundamental para o futuro estado do Acre. Ele, um oficial do Exército, um mecânico e 21 soldados participaram dessa missão, concluída em 1903. Cruls morreu logo após desembarcar em Paris, em 1908, aos 60 anos. Seu corpo foi enterrado no Rio.

O início de tudo
O artigo 3º da Constituição Federal de 1891 determinou a demarcação do território onde seria construída a futura capital do Brasil. A partir dele, foi elaborada também a Portaria 114-A, que criou a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Ela chegou ao Planalto Central em 1892 e determinou o quadrilátero para a construção da capital. O presidente cumpriu o determinado pela Constituição de 1891.

Documento raro
Primeira das duas páginas assinadas por 10 integrantes da expedição: relíquia estava em apartamento

www.correiobrasiliense.com.br
Confira as 48 fotografias e os documentos inéditos.